

**VANDENBERGHE, Frédéric. *As Sociologias de Georg Simmel*. São Paulo: EDUSC; Belém: EDUFA, 2005.**

*Luziana de Oliveira Silva*

Simmel, o teórico incompreendido, construiu sua obra, enquanto sociólogo-filósofo, a partir do diálogo entre os diversos campos de conhecimento, a saber, a sociologia, a filosofia e a psicologia. Caracterizado pelo seu estilo ensaísta e seu relacionismo analógico, sua sociologia de conflito entre opiniões contrárias e igualmente concludentes, descrita até como anti-sistêmica, recebeu duras críticas. Sua sensibilidade e imaginação para abordar os diversos temas distanciaram-no das pretensões sociológicas da época.

Simmel tratou de vários objetos de estudos e temáticas diferentes, boa parte assuntos inéditos e inovadores. Foi original no tratamento das escolhas dos objetos de análise, no direcionamento do olhar do pesquisador, na formulação de noções operatórias (a calculabilidade da vida moderna, o direcionamento temporal do relógio, entre outros) e no constante questionamento do conhecimento – nesse sentido, produziu uma instigante sociologia do conhecimento, bem como um conhecimento do ser no mundo e suas relações sociais.

Apesar do caráter filosófico que permeava seus escritos, Simmel (1858-1918) centrou-se no estudo das formas de associação e pode ser considerado um dos fundadores da sociologia. Traçando uma epistemologia das ciências sociais e projetando uma metafísica da vida social, seu pensamento extrapola as fronteiras das análises sociológicas. Devido à diversidade de temas discutidos e a transitoriedade de suas reflexões, dispersas em vários textos, sua obra é inserida, muitas vezes erroneamente, em modelos teóricos e metodológicos tais quais, “individualista metodológico”, “fenomenológico-hermenêutico”, “dialético-crítico”, “tradição crítico-transcendental”, entre outros.

Fazendo uma interpretação da sociologia de Simmel e considerando os aspectos filosóficos de sua obra, Frédéric Vandenberghe apresenta, como o próprio nome do livro já sinaliza – “As Sociologias de Simmel” –, uma síntese das diferentes propostas do pensamento simmeliano, as quais foram classificadas no livro resenhado como: sociologia geral, sociologia formal e sociologia filosófica.

Situando a obra dentro do contexto teórico temporal em que foi escrita e fazendo a conexão com a análise social contemporânea, Vandenberghe consegue sair ileso da tentação – que Maffesoli não conseguiu resistir – de transportar

Simmel para um cenário “pós-modernista de desindividualização”. Fugindo da filiação, desse pensamento, ao modelo “individualista metodológico”, o comentarista faz uma leitura de interpretação filosófica, inserindo a obra num cenário “fenomenológico-hermenêutico” e “dialético-crítico”.

Localizando Simmel entre Kant e Hegel e entre Marx e Weber, e considerando a influência de Nietzsche e Bergson, são analisadas as formas de associação, a oposição entre forma e conteúdo, a teoria do conhecimento e a filosofia da cultura, temas centrais da sociologia simmeliana.

Sistematizando as diferentes faces da obra, o livro apresenta, no primeiro capítulo “Um metafísico do social”, uma leitura do estilo e do método do pensamento de Simmel. Partindo da premissa que, por trás de sua aparente anti-sistematicidade, há uma sistemática que unifica esse pensamento, a análise do estilo segue do seu brilhante ensaísmo ao legado de hipóteses e teses – negado por muitos e desenvolvido posteriormente por outros.

Apesar de ter sido criticado pela multiplicidade de temas díspares que analisou, a proposta de seus estudos traduz-se na busca de entendimento do detalhe da vida, isto é, do microcosmo<sup>1</sup> para se chegar ao sentido do macrocosmo. O sentido global da vida nesse panorama é dotado de conexões analógicas e de uma multiplicidade de relações que são descritas dentro do princípio filosófico do relacionismo como princípio epistemológico de ordem reguladora. Através das interações, a sociedade torna-se real, e a rede tecida entre a experiência subjetiva, intersubjetiva e a coletividade das instituições constroem o social.

Na tentativa de distinguir o universo simmeliano em fases – a saber: a primeira neodarwinista, a segunda, aproximação com a escola neokantiana e a terceira, vitalista – Vandenberghe esbarra na complexidade de classificar em fases uma obra repleta de ambivalências. No segundo capítulo, tratando do caráter dualista desse pensamento, o comentarista mergulha na teoria do conhecimento simmeliana e faz uma leitura da sociologia formal, da filosofia da vida e da cultura, considerando a ligação dialética do neokantismo e do vitalismo, de modo a apresentar a unidade do pensamento de Simmel.

A difícil tarefa de situar Simmel é feita com clareza por Vandenberghe, já que há um vai-e-vem na sua teoria, ocorrendo momentos nos quais se aproxima de Kant e outros, de Nietzsche e Bergson. Ao pensar o conhecimento a partir do caráter construtivista e escrevendo sobre a filosofia da vida, o pensamento simmeliano parte de Kant. Apesar de se valer desses pressupostos do conhecimento “em seu livro sobre Kant, ele não apenas critica o autor da *Crítica da razão pura* por sua concepção intelectualista, racionalista e mecanicista da

---

<sup>1</sup> Apesar de reconhecer a importância da microsociologia nos estudos de Simmel, Vandenberghe critica a ausência de escritos reconhecendo o valor da filosofia na unidade do universo simmeliano.

realidade, refletindo a frieza do mundo das mercadorias, mas ele modifica, ainda, a teoria das formas, conduzindo-a para uma direção culturalista e vitalista” (p.62). No decorrer de toda explicação da sociologia simmeliana, Vandenberghe entrelaça as idas e voltas da obra, a referência Kantiana.

Elucidando as contradições dos diferentes conceitos de forma da sociologia simmeliana, o comentador inicia suas análises na sociologia formal. A última foi descrita como uma disciplina autônoma, com método específico para analisar as formas que estruturam as associações, compreendendo o conjunto das interações entre os indivíduos. Sem fugir dos preceitos de polaridades intrínsecos nessa teoria, as formas de associação exprimem o princípio da dualidade: formas, conteúdos e interações.

Aqui, gostaríamos apenas de destacar como as formas que estruturam e unificam as interações se deixam, elas próprias, analisar-se em uma perspectiva dualista como uma síntese de forças opostas (p.70).

A base metodológica da sociologia formal foi decifrada no terceiro capítulo por meio de uma leitura da dialética dos conteúdos e das formas, indo em sentido de uma sociologia interacionista e relacionista das formas de associação. A caminho da epistemologia e da metafísica do social, Simmel problematiza as construções estritamente analíticas das formas de associação feita por grande parte dos sociólogos.

Seguindo uma visão da sociologia formal interacionista, em direção a uma ontologia vitalista, o universo simmeliano percorre o movimento do pensamento a caminho do entendimento. A noção de conhecimento, tendo como primordial a experiência vivida, adverte sobre os riscos de tentar apreender o real sem considerar sua pluralidade de perspectivas e sua “totalidade heterogênea”.

Na interpretação dos domínios do saber problematizados por Simmel, as sociologias do último podem ser descritas desse modo: a sociologia geral (abrangendo a macrosociologia histórica), a sociologia formal (microsociologia à-histórica) e a sociologia filosófica (a sociologia que transcende seus limites se direcionando a reflexão filosófica). Não esquecendo da conceitualização de sociedade enquanto construída pelo processo de associação – contínuo e criador de interações entre indivíduos – defendido por Simmel, o livro interpreta a idéia de rede, na qual é tecida os fios, isto é, os jogos de interações que tornam a sociedade possível.

Abordando as ações recíprocas entre sociedade e indivíduo, é posto em questão a filiação que é feita de Simmel com o individualismo metodológico. Apresentando uma visão em que o autor parece desprezar a autonomia do social, relacionando as premissas de Simmel à tese durkeimiana, Vandenberghe após descrever essa crítica, sai em defesa do posicionamento do pensamento simmeliano e apresenta uma vertente interacionista e não individualista.

Simmel não defende nem as premissas do individualismo nem as do holismo ontológico, mas, antes, aquelas que proponho chamar de “relacionismo ontológico”, nem a sociedade nem o indivíduo como tais são reais, salvo por suas implicações recíprocas (pp.98).

Fazendo uma leitura profícua dos jogos de interação que, segundo a perspectiva simmeliana, torna sociedade real, no final do terceiro capítulo, são nomeados três *a priori* sociológicos das formas de associação, a saber, *a priori* da individualidade (a apropriação do papel social como conservação e expressão da singularidade do indivíduo), do papel (posição social assumida como função) e da estrutura (a sociedade concebida como *suis generis* com funções sociais interligadas).

Ora, se a oposição se transforma em interação, apesar de às vezes a distinção entre forma e conteúdo aparentar ter desaparecido, as formas e conteúdos dão unidade a gama de temas tratados por Simmel. A sua forma de transitar pelos diversos tipos de objetos analisados pode levar o leitor a uma ligeira confusão sobre seus preceitos. Todavia, de forma brilhante, Vandenberghe decifra a obra simmeliana e deixa como legado um manual explicativo das reflexões filosóficas para chegar à sociologia das formas do Alemão.

Partindo de uma análise comparativa entre Simmel e Husserl – e seu método fenomenológico – o quarto capítulo faz uma interpretação dos passos da abordagem metodológica do pensamento simmeliano, em suas pesquisas sobre as formas de associação e interação. Considerando que muito já foi dito sobre a ausência de método da obra, o comentador se debruça na tese central da visão de mundo simmeliano – a teoria relacionista – e levanta a hipótese de que “se pudermos dizer que Simmel tem um método esse seria eidético-analógico” (p. 104). Nas tipologias escritas nos diversos ensaios são trabalhados conceitos como: distinção, imitação, subordinação, proximidade, distância, subjetividade, objetividade, alienação entre outros. Vagando de análises “psicossociológicas” a uma versão “sociológica-filosófica”, a unidade da obra se localiza na dualidade.

Recorrendo a visão metafísica da “Filosofia do dinheiro”, no quinto capítulo, o viés sócio-filosófico do pensamento de Simmel se centra no dinheiro como símbolo unificador das relações sociais de toda sociedade. Situado numa “sociologia especulativa histórica”, o estudo trouxe uma perspectiva do homem, da vida, do mundo em si, no cenário da modernidade<sup>2</sup>. Interpretando sua teoria vitalista e relacionista do mundo moderno, suas reflexões foram entendidas através de duas variantes, a “analítica” e a “sintética”.

---

<sup>2</sup> O comentador relaciona a crítica da modernidade feita por Simmel, aos escritos de Marx e Weber, “prolongando Marx e antecipando Weber, portanto entre Marx e Weber, é justamente aí que é preciso situar a filosofia simmeliana da modernidade” (p. 131).

Enquanto a parte “analítica” descreve a gênese teórica em termos de objetivação e de autonomização do valor, a parte sintética estuda as conseqüências da monetarização universal segundo a dialética da libertação do indivíduo e da reificação (p.131).

Vandenberghe assemelha, nessa perspectiva, o dinheiro –universal, como formador da unidade das oposições – à vida. Relacionando o valor à troca, o valor atinge para Simmel sua autonomia no dinheiro fazendo uma inversão de meio e fim. Sistematizando as conseqüências da sucessiva objetivação, da abstração e da calculabilidade das relações, o comentador descreve a análise através de três teses dialéticas: a reificação das formas de associações e a liberação da dependência pessoal; a perda de sentido e a inversão dos meios em fim e a objetivação da vida e a alienação do indivíduo.

Ao comparar a tese de Marx de ligação histórica do trabalho livre e a exploração, com a tese sobre a divisão do trabalho em Simmel, o comentador evidencia demasiadamente o caráter libertário da análise simmeliana. Não é dada ênfase ao que foi escrito no ensaio sobre “A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva (1900)”, em que sinaliza a divisão do trabalho como causa da diferenciação do espírito objetivo e subjetivo. Concordamos que nesse pensamento a dualidade entre sujeito e objeto mantém uma margem de liberdade do indivíduo, todavia a tensão vivida nessa relação não despreza o conflito.

No sexto e último capítulo a reflexão sobre a filosofia da vida e da cultura é retomada. A tese advogada por Vandenberghe de que a obra de Simmel é melhor representada “como todo resto do pensamento de Simmel, a sociologia formal pode ser compreendida como uma síntese astuciosa e original do neokantismo (oposição das formas e dos conteúdos) e do vitalismo (interação)” (p.87), foi destacada, ao mesmo tempo, como um revisionismo de duas vertentes: a vitalista e a Kantiana

Descrevendo, num quadro geral, os diferentes momentos do pensamento simmeliano, de unificação de contrários, o comentarista dividiu em três campos: Em princípio a junção de interação e forma, cede espaço para a “teoria relacionista do conhecimento”; num segundo momento, a combinação do contraste das formas e dos conteúdos com a interação; e na terceira a transformação da “teoria relacionista do conhecimento” em uma metafísica da vida.

Fazendo uma síntese da obra, Vandenberghe apresenta as influências de Nietzsche: à tese de liberdade, autonomia individual e distinção; no entanto, retorna a Kant para explicar a distinção entre forma e conteúdo e para situar a crítica que a “lei individual” de Simmel faz a sua “lei universal”.

O livro traz uma importante interpretação da obra simmeliana, trazendo uma leitura ímpar sobre a contribuição epistemológica de Simmel nas ciências sociais. Debate muitas vezes relegado ao esquecimento, foi retomado de forma

rica. Extrair da criatividade e sensibilidade fluída do sociólogo Alemão as bases de suas diferentes percepções de forma, tendo em vista a transferência de campos de análises, não é tarefa fácil.

Gostaríamos de enfatizar que foi dada pouca importância à explicação simmeliana da rede de interdependência da abordagem configuracional da idéia de teia, que explica a oposição entre sujeito e objeto como uma construção social. O dualismo entre sujeito e objeto resulta da experiência da vida vivida nas formas de associação. Devido à proposta do livro de interpretar, a partir da reflexão filosófica, a obra de Simmel, o comentador pouco relacionou o conceito de interação do universo simmeliano a teoria social contemporânea.

Embora não apague o brilhantismo da obra de Vandenberghe, não podemos deixar de sinalizar as seguintes questões: Ao perceber a oposição entre sujeito e objeto como resultante de forças cósmicas, o comentador faz uma crítica ao diagnóstico feito por Simmel da modernidade. Sua crítica é de grande importância para reflexão dessa análise, todavia nos parece que suas respostas são buscadas dentro de um modelo (macrossociológico) estrutural marxista. O universo simmeliano não desconhece a autonomia do social, apenas desloca a análise do campo das instituições para uma perspectiva construtivista que emerge das interações.